

JAMES ALLEN

*Os  
8 pilares  
da  
prosperidade*

TRADUÇÃO DE  
CARLOS SOUSA DE ALMEIDA



# • Índice •

PREFÁCIO.....	7
OS 8 PILARES.....	9
PRIMEIRO PILAR: ENERGIA.....	25
SEGUNDO PILAR: ECONOMIA.....	43
TERCEIRO PILAR: INTEGRIDADE.....	65
QUARTO PILAR: SISTEMA.....	79
QUINTO PILAR: EMPATIA.....	97
SEXTO PILAR: SINCERIDADE.....	115
SÉTIMO PILAR: IMPARCIALIDADE.....	131
OITAVO PILAR: AUTOCONFIANÇA.....	149
O TEMPLO DA PROSPERIDADE.....	165



# · *Prefácio* ·

É opinião corrente que pessoas e nações só podem ser mais prósperas através de uma reconstrução política e social. Isto pode ou não ser verdade: depende da prática das virtudes morais por parte de quem compõe a nação. Melhores leis e condições sociais decorrem sempre de uma prática mais elevada da moral entre os membros de uma comunidade, mas não há lei que possa proporcionar prosperidade ou evitar a ruína de alguém ou de alguma nação que se tenha tornado laxista e decadente na busca e na prática da virtude.

As virtudes morais são o fundamento e o sustentáculo da prosperidade, pois são a essência da grandeza. Perduram para sempre, e todas as obras humanas que persistem edificam-se sobre elas. Sem elas, não há força, estabilidade ou realidade substancial, apenas sonhos efêmeros. Encontrar os princípios morais é descobrir a prosperidade, a grandeza, a verdade e, assim, ser forte, corajoso, alegre e livre.

James Allen, «Bryngoleu», Ilfracombe, Inglaterra



*Os  
8 pilares*





*Segundo*

*pilar:*

*economia*

---

*A acumulação  
de dinheiro ou de energia  
é apenas um meio;  
o fim é o uso  
e só o uso gera poder.*

---

Diz-se que a natureza não conhece o vazio nem o desperdício. Na economia divina, nada se perde, tudo se transforma. Até os excrementos são quimicamente transformados e utilizados na criação de novas formas. A natureza destrói todas as impurezas, não pela aniquilação, mas pela transformação, purgando-as e purificando-as, fazendo com que sirvam o desígnio das coisas belas, úteis e boas.

Essa economia, que na natureza é um princípio universal, no ser humano é uma qualidade moral através da qual mantém as suas energias e o seu lugar, como uma unidade de trabalho na ordem das coisas.

A economia financeira é apenas um fragmento deste princípio, ou melhor, um símbolo material dessa economia que é puramente mental e das suas transmutações espirituais. O economista financeiro troca cobre por prata, prata por ouro, ouro por notas, convertendo as notas nos números de uma conta bancária. Com essas conversões do dinheiro em formas mais facilmente transmissíveis, é ele quem ganha na gestão financeira dos seus negócios. O economista espiritual transforma as paixões em inteligência, a inteligência em princípios, os princípios em sabedoria e a sabedoria manifesta-se em ações, que são poucas, mas de efeito poderoso. Com todas estas transformações, é ele quem ganha em termos de carácter e de administração da sua vida.

A verdadeira economia situa-se a meio de todas estas coisas, sejam materiais ou mentais, entre o desperdício e a retenção excessiva. O que é desperdiçado, seja dinheiro ou energia mental, torna-se ineficaz; o que é retido egoistamente e acumulado torna-se igualmente ineficaz. Para garantir o poder, seja de capital ou mental, tem de haver concentração, mas uma vez obtido, esse poder tem de ser usado de maneira legítima. A acumulação de dinheiro ou de energia é apenas um meio; o fim é o uso e só o uso gera poder.

A economia completa consiste em encontrar o meio-termo nestas sete coisas: *dinheiro, alimento, vestuário, entretenimento, descanso, tempo e energia.*

O *dinheiro* é o símbolo da troca e representa o poder de compra. Quem anseia por obter riqueza financeira e quem quer evitar o endividamento deve procurar repartir os gastos de acordo com os seus rendimentos, para ter uma margem de fundo de maneiço cada vez maior e uma pequena reserva à mão para qualquer emergência. O dinheiro usado em gastos estouvados – em prazeres inúteis ou em luxos perniciosos – é dinheiro desperdiçado e um poder destruído. Mesmo podendo ser um poder limitado e pouco significativo, os meios e a capacidade legítima e honrada de aquisição são, ainda assim, um poder, e um poder que se manifesta em grande parte nos pormenores da vida quotidiana. O esbanjador nunca poderá tornar-se rico, e se puser em primeiro lugar a opulência, em breve se tornará pobre. O avarento, com todo o seu ouro armazenado, não pode ser considerado rico, pois quer sempre mais, e esse ouro, que é improdutivo, carece de poder de compra. O parcimonioso e o prudente estão no caminho da riqueza, pois são sensatos nos gastos, têm o cuidado de economizar, e vão, pouco a pouco, aumentando os seus haveres, à medida que os seus meios crescem.

A pessoa pobre que queira prosperar deve começar pela base; não deve tentar parecer rica, fazendo o que esteja para além daquilo que os seus recursos permitem. Há sempre muito espaço e possibilidades na base, e uma vez que se encontra tudo acima dela e nada abaixo, é seguro começar por aí.

Muitos jovens negociantes perdem tudo de uma vez pela arrogância e a exibição insensata que imaginam ser necessárias ao sucesso, mas só se enganam a si próprios e rapidamente caem na ruína. Um começo modesto e verdadeiro, seja em que campo for, garante mais sucesso do que o anúncio exagerado da categoria e da importância de alguém. Quanto menor for o capital, mais pequeno deve ser o âmbito de intervenção. Um e outro, ou seja, capital e âmbito, são como a mão e a luva, devem adaptar-se. Concentra o capital dentro do seu circuito de capacidade de produção, e por mais circunscrito que esse circuito possa ser, não deixará de se ampliar e expandir à medida que o impulso acumulado de poder te impelir a manifestar.

Acima de tudo, tem sempre o cuidado de evitar um de dois extremos: a avareza e a generosidade.

O *alimento* representa vida, vitalidade, força física e mental. Como em tudo, há um meio-termo no que respeita à comida e à bebida. Quem pretenda tornar-se próspero deve alimentar-se bem, embora não em demasia. Quem priva o corpo de alimento, seja por avareza ou por ascetismo (uma falsa economia, em ambos os casos), reduz a sua energia mental e debilita demasiado o corpo para que possa ser instrumento de uma qualquer realização importante. Uma pessoa assim está a cultivar uma mente doentia, um problema que só pode conduzir ao fracasso.

O comilão, no entanto, destrói-se pelo excesso. O seu corpo embrutecido transforma-se num depósito de venenos que atrai enfermidades e corrupção, e a sua mente vai-se estupidificando e confundindo cada vez mais, tornando-se, por isso, mais incapaz. A avidez por comida é um dos vícios mais baixos e mais animais e repugna a todos os que procuram uma refeição sóbria.

Os melhores trabalhadores e os mais bem-sucedidos são os mais moderados no comer e no beber. Como nunca comem em demasia, mas apenas o suficiente, alcançam a mais alta condição física e mental. Deste modo, devido à sua moderação, estão bem preparados e conseguem enfrentar as tarefas diárias com vigor e alegria.

O *vestuário* é cobertura e proteção para o corpo, embora essa finalidade seja muitas vezes desvirtuada e se transforme numa exibição de vaidade. Neste caso, evita os dois extremos: a negligência e a vaidade. Não se pode, nem se deve, ignorar a roupa que se veste, e a limpeza é muito importante. O desleixo, seja no homem ou na mulher, leva ao fracasso e à solidão. O vestuário deve estar em harmonia com a condição da pessoa e ser de boa qualidade, ter bom corte e ser apropriado. Não se deve pôr de parte a roupa enquanto for relativamente nova, a menos que esteja demasiado gasta. Se uma pessoa for pobre, não perderá a dignidade nem o respeito dos outros por vestir roupa puída, desde que esteja lavada e tenha o corpo limpo e asseado. Mas a vaidade, levada ao luxo extremo no vestuário, é

um vício que deve ser cuidadosamente evitado pelas pessoas virtuosas. Conheço uma mulher que tem 40 vestidos no guarda-fatos e um homem que tem 20 bengalas e quase o mesmo número de chapéus, além de umas dezenas de impermeáveis, enquanto outro tem 30 pares de botas. A gente rica que desperdiça dinheiro em pilhas de roupa supérflua revela-se uma provocação aos pobres, pois demonstra desperdício e o desperdício leva à necessidade. O dinheiro gasto de maneira tão estouvada podia ser mais bem usado, porque o sofrimento abunda e a caridade é nobre.

A exibição de roupa e joalheria ostentatória é a prova de uma mente vulgar e vazia. As pessoas modestas e cultas são recatadas, a começar pelo vestuário que usam, e servem-se do dinheiro de sobra de maneira sensata, para melhorar a sua cultura e virtude. Para elas, a educação e o progresso têm mais importância do que o vestuário inútil e supérfluo; assim se promove a literatura, a arte e a ciência. O refinamento verdadeiro está no espírito e no comportamento, e uma mente engalanada de virtude e inteligência não pode incluir no seu encanto (ainda que isso lhe possa tirar méritos) uma ostentatória exibição do corpo. O tempo passado a enfeitar inutilmente o corpo pode empregar-se de maneira mais frutífera. A simplicidade no vestir, como em outras coisas, é o melhor. Isto diz respeito ao ponto de excelência na utilidade, no conforto e na graça corporal, sendo a prova do verdadeiro gosto e do refinamento cultivado.